

DIDASKALIA

REVISTA DA FACULDADE DE TEOLOGIA
DE LISBOA

ISSN 0253-1674

sumário

FRANCOLINO J. GONÇALVES. Senaquerib na Palestina e a tradição bíblica	5
FRANCISCO CAMELO. As divisões da sociedade de Judá por ocasião da queda de Jerusalém	33
J. CARREIRA DAS NEVES. O pronome pessoal ἡμεῖς como chave hermenêutica do IV Evangelho	43
JOSÉ A. M. RAMOS. O sufixo verbal não-acusativo em hebraico antigo	67
GERALDO MORUJÃO. Exemplos de desenvolvimento deráxico no IV Evangelho	83
MANUEL MARQUES GONÇALVES. A noemática bíblica em Sebastião de Barradas	93
JOSÉ COELHO MATIAS. Manuel de Sá, precursor do método histórico-crítico	125
J. NUNES CARREIRA. Cervos/as, pastoras e bailarinas: três motivos veterotestamentários da lírica galaico-portuguesa	143
JOÃO LOURENÇO. Targum de Is 52, 13-53, 12. Pressupostos históricos e processos literários	155
J. CARREIRA DAS NEVES. A Bíblia como História frente ao Esoterismo	167
ANTÓNIO A. TAVARES. Instituições dos Hititas em Hebron no contexto do Médio Oriente	189
GERALDO J. A. COELHO DIAS. Filisteus em Canaã, uma cultura desaparecida?	199
JOSÉ A. M. RAMOS. Hifil interno e sufixo datival	211
LUIS FILIPE THOMAZ — JOÃO PAULO OLIVEIRA E COSTA. A Bíblia e a expansão portuguesa	223

fascículo 1

VOLUME XX

1990

Manuel de Sá, precursor do método histórico-crítico

O interesse, sempre relativo, por um tema é determinado pelos gostos e pelo conhecimento e amor que cada um nutre pelos valores de uma certa civilização, homem ou cultura.

Na impossibilidade de tratarmos aqui a obra de Manuel de Sá com toda a profundidade, procuraremos fazer uma síntese dos estudos já por nós realizados e conservados em manuscritos, dando a conhecer três facetas desta figura que consideramos grande e digna de ser conhecida pelas nossas gerações. Descreveremos o *homem, a sua obra e o seu valor*.

1. O Homem que foi Manuel de Sá

De Vila do Conde, onde nasceu com maiores probabilidades em 1530, de uma família modesta cujo chefe se dedicava ao comércio de lenços, onde fez os primeiros estudos, passou a Coimbra para aí se graduar de bacharel em Artes com a idade, apenas, de 15 anos¹.

Admirador da acção dos companheiros de Inácio de Loyola que, no dia 29 de Junho de 1542, se haviam fixado nessa cidade, onde fundariam um colégio nesse mesmo ano, juntou-se a eles no dia 27 de Abril de 1545, começando, desde logo, o seu noviciado que viria a terminar em Valência de Espanha para onde fora juntamente com Luis Gonçalves da Câmara, nesse mesmo ano. Nesta cidade fizera

¹ ANTÓNIO FRANCO, *Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de Jesus no Real Colégio de Jesus de Coimbra...*, Coimbra 1719, T. II, Liv. 3, cp. 29, pág. 388-391.

também os estudos do Mestrado em Artes e parte dos seus estudos teológicos².

Ainda estudante é nomeado professor de filosofia no Colégio de Gândia, em 1547, e dois anos depois, no dia 10 de Janeiro, defende nesse mesmo estabelecimento de ensino, já elevado à categoria de Universidade (abrindo oficialmente no dia 1 de Março desse mesmo ano), a sua tese de Mestrado em Artes com um grande sucesso³. De imediato, ele é nomeado professor⁴ e membro do Conselho dessa Universidade, devido aos seus dotes de sabedoria e de vida⁵.

De S. Francisco de Borja foi companheiro e cronista de viagens, sócio na fundação de algumas casas-colégios, por exemplo, de Ognate em 1551 e mestre particular em filosofia⁶.

Entre os anos 1550-1554 esteve em Alcalá de Henares, onde estudou teologia e desempenhou funções de chefia no Colégio dos Jesuítas, fundado em 1543, um ano depois do de Coimbra⁷.

Em 1544, vai para Roma, onde chega a 26 de Outubro, acompanhado por Diego Duarte. Aqui recebe a sua ordenação sacerdotal em 1555⁸ e defende no Colégio Romano, a tese de doutoramento em Teologia nos fins de Outubro de 1555, aos 27 anos de idade⁹. Neste colégio exercerá as funções de *Prefeito dos estudos*¹⁰ e de professor, tanto de teologia como de Sagrada Escritura alternadamente¹¹.

Além destas funções, exerceu, em Roma, outras mais, nomeadamente a de Consultor do P. Madrid, a de pregador e professor na Igreja dos Jesuítas (S.^{to} André), a de confessor penitenciário de S. Pedro e de Pregador do Palácio Papal e bem assim a de director dos célebres «Casus Conscientiae», a de presidente das «conclusiones Theologicae» nas festas da eleição de Diogo Lainez ao cargo de Geral da Companhia de Jesus em 1558 e a de responsável da Casa de

² *Fabri Monumenta* (MHSJ), p. 426.

³ *Epist. Mixtae* 2, (MHSJ), pp. 200, 212, 249.

⁴ Lg. g. 1, fl. 1 e 2 (*Livro Primeiro da Universidade de Gândia*).

⁵ Lg. g. 1, fl. 3.

⁶ ANTÓNIO FRANCO, o. c., pp. 388 ss; FRANCISCO RODRIGUES, *História da Companhia de Jesus*, T. 1, Vol. 1, cp. IV, p. 454.

⁷ *Epist. Mixtae*, 2 (MHSJ), 599, 635, 636.

⁸ *Epist. Nadal* (MHSJ), p. 31; FRANCISCO RODRIGUES, *Hist. da Companhia de Jesus*, T. I, vol. 1, Liv. II, cp. IV, p. 454 s.

⁹ RICARDO G. VILLOSLADA S. J., *Anacleta Gregoriana cura pontificiae Univ. Gregorianae dita vol. 66 Series facultatis historiae del Collegio Romano; del suo inizio 1551 alla soppressione della Compagnia di Jesu 1773*, Roma, 1954, p. 34.

¹⁰ R. VILLOSLADA, o. c., p. 322.

¹¹ MHSJ. *Monum. Paedagogica*... Ladislaus Lukacs. S. J. 1540-1556, Vol. III, 423.464.465.

Provação e da Igreja de Roma¹². No dia 1 ou 2 de Novembro de 1559 fez a profissão solene diante do Geral Diogo Lainez¹³.

Também o norte de Itália foi palco da sua acção: professor e pregador em Milão, em 1573 e em Arona onde fundou a casa de provação e onde entregou o seu espírito a Deus, no dia 30 de Dezembro de 1596 após uma doença dolorosa, mas suportada com uma paciência exemplar. Tinha então 65 anos.

Manuel de Sá foi, de facto, um homem europeu, não só quanto à aquisição e repartição do saber, como quanto ao espaço que percorreu e ajudou a cultivar.

2. A sua obra

A sua obra é muito vasta. Além da formação que ajudou a dar a várias gerações de jesuítas, sobretudo, através dos seus ensinamentos «ex cathedra», e do púlpito, Manuel de Sá deixou atrás de si pegadas indeléveis, no campo do saber teológico e no campo da crítica bíblica.

Um primeiro trabalho de carácter crítico no campo da Sagrada Escritura, é aquele que se relaciona com a correcção e revisão da Vulgata Jeronimiana. Dando seguimento aos desejos do Concílio de Trento sobre a necessidade de corrigir os livros sacros, o Papa Pio IV (1559-1564) criou uma congregação de cardeais e de consultores para esse fim, que seria confirmada, mais tarde, pelos seus sucessores, Pio V (1566-1572) e Gregório XIII (1572-1585). Dessa congregação faziam parte dois Jesuítas, Manuel de Sá e Pedro Parra¹⁴.

Com a correcção da Vulgata, que daria a edição *Sixto-Clementina*, e após um período bastante atribulado devido às pressas e caturrices de Sixto V¹⁵, estava o trabalho da nova edição também corrigida da

¹² ANTÓNIO FRANCO, o. c., T. II, Lv. III, cp. 29, p. 388 ss. R. VILLOSLADA, o. c., pp. 41 e 50 s.

¹³ BARBOSA MACHADO em *Biblioteca Lusitana*, vol. 3, 361, contra os outros testemunhos, fixa a profissão solene no dia 2 de Novembro.

¹⁴ *Efemérides da Companhia de Jesus* (manuscrito COD 4.220 da Bib. Nacional), fl. 29; FRANCISCO RODRIGUES, *Formação Intelectual*..., Porto, 1917, p. 257; ANTÓNIO FRANCO, o. c., II, p. 338; *Sommervogel*, VII, 349.

¹⁵ O P. * ALFONSO DE POLANCO refere o seguinte: «Cum Summus Pontifex ad Bibliam emendam et veram Vulgatae editionem diligendam, cardinales aliquot graves ac theologos designasset, duos ex nostris per Cardinalem Moronem in ea congregatione esse voluit; et PP. Emmanuel et Parra, a P. nostro nominati, eo sunt officio cum magna satisfactione perfuncti...» MHSJ, *Polanci Complementa 2, Epistolae et commentaria*, 700, par. 18 e 95 e par. 46).

¹⁶ Terminado o trabalho da correcção, o Cardeal Carafa apresentou-o a Sixto V que o reviu e rejeitou em várias lições, substituindo-as ele próprio por outras de menor qualidade,

Versão grega Septuaginta. Ora, para esta obra ingente, eram necessários homens que fossem insignes tanto no saber teológico e linguístico, como no sentido crítico das fontes e dos textos sacros. Fazer parte de tal congregação equivalia a ser colocado no pedestal dos «vires doctissimi»¹⁷, possuidores do sentido crítico necessário para poder levar a cabo um tal trabalho de correcção¹⁸.

Uma outra obra em que Manuel de Sá participou e que serviu de base aos estudos filosófico-teológicos, especialmente nos estabelecimentos de ensino dos Jesuítas, foi a *Ratio et Institutio Studiorum*, publicada definitivamente em 1599 pelo Geral Cláudio Aquaviva, depois de um período bem longo de gestação.

Do método parisiense introduzido nas suas casas por Inácio de Loyola, passou-se a um outro bem diferente, começado a delinear-se no mandato de Diogo de Lainez. Em 1565, a parte que se referia aos estudos inferiores de gramática e humanidades ficou quase pronta, mas não foi mandada às províncias da Companhia para a sua implantação. Foi preciso esperar até 1569, período de Francisco de Borja como geral, para que fossem postos em vigor sob o nome de «Ratio Studiorum» e que seria, portanto a primeira. Ficavam, no entanto, a aguardar remodelação os estudos superiores, isto é, os de Filosofia e Teologia ... o que se prometia para breve. De facto, em 1571 parece que tudo estava pronto. Não foram publicados devido à necessidade do Geral ter de viajar pela Espanha, França e Portugal e vir a falecer em Setembro do ano seguinte. Na falta da publicação, Borja distribuiu pelos seus colégios um documento interino sobre a doutrina e modo de ensinar, dando como exemplos e autoridades, Manuel de Sá, Ledesma, Perpignan e Michael Angelus¹⁹, isto no que se referia aos estudos teológicos, em geral.

mandando-a imprimir sob o título: *Biblia Sacra Vulgatae editionis ad Concilium Tridentinum praecriptum emendata a Sixto V P. M. recognita et approbata*. O seu sucessor Gregório XIV em 1591 decidiu reformar essa edição, trabalho que viria a ser terminado no pontificado de Clemente VIII, sob o mesmo título praticamente para não parecer escandaloso o agir do papa defunto: «Biblia Sacra Vulgatae editionis Sixti Quinti P. M. Jussu recognita atque edita». De facto só em 1604 é que o nome de Clemente VIII foi adicionado ao de Sixto V (cf. BAUMGARTEN, *Die Vulgata Sixtina von 1590 und ihre Einführungsbulle*, Munster, 1911, p. VII-VIII; *Vetus Testamentum graece iuxta LXX interpretes* Const. Tischendorf ed. 6, Eberardus Nestlé. Tom. I, Lipsiae. F. A. Brockhaus, 1880, p. XXI e XXIII; José SILOS, *História Clericorum Regularium*. Tom. I, Lib. 13, p. 533.

¹⁷ C. TISCHENDORF, *o. c.*, p. XXI e XXVIII.

¹⁸ C. VERCELLONE, *Variae Lectiones I* (1860), *Proleg. paragr. II*.

¹⁹ «Conscribatur ordo Studiorum et statuatur firmus non solum in genere, sed particulatim per singulas et classes, cum exercitiis, tempore, ordine et modo, etc, ne tot fiant mutationes et consultationes singulis» (MHSJ, *Monumenta paedagogica S. Jesu quae primam Rationem Studiorum praecessere*, Madriti, 1901, 150 s.

No que se referia aos estudos da Sagrada Escritura, e que para nós é mais importante, temos um parágrafo que diz: «Alia circa interpretandi modum et Sacras Literas, vel D. Thomam, vel controversias et casus etiam conscientiae, in ordine studiorum Conimbricensis data fuerunt Patri Dionysio ex sententia Doctoris Emanuelis, Parrae, Ledesmae, Benedicti, etc.»²⁰. Portanto, este texto diz-nos que os estatutos de ensino do Colégio de Coimbra foram dados por um grupo de peritos entre os quais se encontram *Manuel de Sá* e que esses estatutos serviriam de exemplar a ser seguido por todos os outros colégios jesuítas.

Em 1599, três anos após a morte de Manuel de Sá, a *Ratio Studiorum* era definitivamente promulgada, passando a ser a alma dos Estudos dos colégios e universidades dos Jesuítas, tanto no campo das Humanidades e da Filosofia, como naquele da Teologia e da Sagrada Escritura.

Uma das normas era aquela que se referia à importância que deveria ser dada ao estudo das línguas clássicas (latim e grego, sem esquecer o hebraico), o que fez olhar para a Companhia de Jesus como a guardiã da tradição humanística. A história e a geografia, menos desenvolvidas, então, eram ciências acessórias. A filosofia, estudada durante três anos, compreendia a matemática e as ciências naturais. A Teologia constituía o coroamento do edifício, sendo a escolástica de S. Tomás o centro à volta do qual se preleccionava durante 4 anos²¹.

Quanto a obras impressas possuímos três, abrangendo uma a teologia, que hoje diríamos *moral*, e as outras duas a teologia bíblica ou exegese.

Revelou-se como moralista de craveira internacional, por meio da direcção dos «casus Conscientiae» e sobretudo, pelo seu livro preciosíssimo, intitulado *Aphorismi Confessariorum ex Doctorum sententiis, collecta*, publicados pela primeira vez, em 1595, em Veneza e, de seguida em Antuérpia, em 1599, com duas edições. Apesar desta obra ter boa aceitação, encontrou em *Baïnes* forte oposição que a denunciou como contendo mais de oitenta erros²². Por este motivo

²⁰ *Ibidem*, 571.

²¹ HERMANN TÜCHLE, *Nouvelle Histoire de l'Église. 3: Réforme et Contre-Réforme*, ed. du Seuil 1968, p. 204 s; cf. ainda Constituições, n. 464 sobre a necessidade de tomar S. Tomás oor base e o N. 476 sobre o tempo dedicado à Teologia.

²² HOFER, *Nouvelle Bibliographie Générale...*, Paris, 1863, col. 950-951.

foi posta no *index* dos livros proibidos, no dia 7 de Agosto de 1603, até que fosse corrigida e expurgada.

Depois de expurgada, as edições multiplicavam-se por todo o lado, chegando a atingir o número pelo menos de cinquenta e seis edições na versão latina original e quatro na sua tradução francesa; *Les Aphorismes des Confesseurs colligez des sentences des Docteurs de L'Eglise universelle. Par Emanuel Sa Docteur en Théologie de la Société de Jesus ...*, editados em Paris por Regnaud Chaudière em 1603 e em 1607 e em Lyon por Claude Rigaud e Claude Obert em 1627 e uma quarta em Rouen em 1619, feita por Thomas Baré.

Também Pombal, dois séculos depois, se meteu na sacristia para ir acolitar Bañes no acto inquisitorial de uma mesma obra, embora em tempos bem distintos e distantes! Esse livro tinha já forjado gerações com cerca de duzentos anos de vida, o que é verdadeiramente digno de nota! Mas, como diz o Dr. António Leite, «a 'Real Mesa Censória' criada por D. José (ou mais verdadeiramente, por Pombal) por Edital de 12 de Dezembro de 1771, proibiu e mandou confiscar entre outros muitos livros, «Os Aforismos de Manuel de Sá». Não diz o motivo específico da proibição, nem deste nem dos outros ... mas talvez se possa encontrar nos documentos da Real Mesa Censória que estão na Torre do Tombo. Talvez fosse por ser uma obra de um jesuíta ou pela «moral corrompida, e relaxada, que os mesmos jesuítas ensinavam e escreveram por todo o mundo», como se diz no mesmo Edital ...»²³.

No campo da exegese, deixou-nos duas obras de incomparável valor: os *Escólios aos Quatro Evangelhos*, cuja primeira edição data de 1596, alguns meses antes da morte do seu autor, embora a sua confecção estivesse já pronta em 1574, e as *Notationes in totam Scripturam Sacram quibus omnia fere loca difficilia brevissime explicantur, tum variae ex hebraeo, chaldaeo et graeco lectiones indicantur. Opus omnibus scripturae studiosis utilissimum, certe a plurimis diu multumque desideratum*.

a) Os *Escólios* que tiveram a aprovação de Filipe II de Espanha a 16 de Maio de 1574 e o privilégio Cesário de Rudolfo, dada em Praga no dia 29 de Julho do mesmo ano, só viriam a ser impressos em 1596, pelos tipógrafos Viúva e João Moreto de Antuérpia, sendo uma obra composta para secundar os desejos do seu superior Fran-

²³ Foi uma nota que o Rev. Doutor A. Leite nos enviou amavelmente, no dia 17 de Abril de 1989, depois de nos ter aberto as portas da Biblioteca da Brotéria e nos ter auxiliado na busca de alguns dados biográficos sobre Manuel de Sá, o que muito agradecemos.

cisco de Borja, para ser consultada pelos membros da Companhia de Jesus e por todos aqueles que a achassem útil, como se lê na dedicatória dessa edição.

O seu conteúdo está assim repartido: o texto sacro é escrito ao cimo da página sem outra divisão que aquela dos capítulos. Em vez de numeração em versículos temos o sistema duplo: arábico alfabético sobrepostos a cada palavra que deverá ser explicada. Segue-se depois a cadeia das citações tiradas dos Santos Padres e Doutores e Glossas, indo finalmente em *Additio Auctoris*, a explicação original de Manuel de Sá.

A cadeia das citações reparte-se normalmente em duas colunas, dedicando a primeira, ou a do lado esquerdo, ao sentido literal e a segunda ao sentido místico. Quando não existe sentido místico, então o texto das citações ocupa todo o espaço da página.

Esta obra é dividida em secções, diferenciadas pelo sistema abecedário conjugado com o sistema numeral:

A-A2-A3/ B-B2-B3 ...

Z-Z2-Z3 ...

Aa- Aa2- Aa3 ...

Zz-Zz2-Zz3

É que, no tempo em que ele começou essa obra, a Bíblia ainda não estava dividida em versículos, o que aconteceu, aliás, na sua época, mais ou menos²⁴.

Segundo uma carta do P. ° João de Polanco ao P. ° Manuel de Sá²⁵, este trabalho deveria ter começado por volta do ano de 1563, e por esta razão, este não poderia ter utilizado, por texto básico a Vulgata Sixtina, editada muito mais tarde, nem sequer o *textus Receptus* na sua versão grega de Roberto Stephanus (s), editado com

²⁴ Divisão em capítulos para os dois testamentos, feita por Etienne Langton, nos princípios do século XIII; a divisão em versículos, começou a ser feita por Jacques Lefèbvre que a aplicou aos Salmos em 1509, sendo depois aplicada aos livros sapienciais (Jo, Prov, Eccl, Cant), e finalmente o foi a todos os livros de ed. greco-latina do Novo Testamento por Roberto Estienne e em todos os livros do Antigo Testamento numa edição completa da Bíblia Latina, em 1555. Esta nova numeração que sempre fora posta na margem do texto sacro, foi introduzida por Teodoro Beza, em 1565, no seio do próprio texto sacro. É conhecido hoje que a numeração utilizada por R. Estienne tinha sido precedida por outra feita por Sanctes Pagnino, que possivelmente era quase idêntica. Mas este sistema foi considerado imperfeito pelos correctores da Vulgata Sixtina que o corrigiram o que seria abandonado pela edição oficial de Clemente VIII, publicada em 1592, devido prestar-se a confusões, uma vez que a numeração de Roberto Estienne estava já muito divulgada (cf. W. WRIGHT, in «Verse», em KITTO, *Cyclopedia of Biblical Literature*, 1866, T. III, p. 1066-1070; VIGOUROUX, *Dict. de la Bible*, T. col. 2404.

²⁵ Cf. *Epist. Nadal Apendix*, XVI a. e p. 626.

a numeração dos versículos. Ele usou um outro texto sem versículos. Uma coisa é certa, ele utilizou largamente a Complutenses (1517-1520) como texto de apoio (cf. I Jo, 5,7-8; I Sam = Re 9,25, etc.).

O corpo das citações, rico quanto às autoridades chamadas, é muito claro e sucinto, num latim perfeito. Nele vemos os testemunhos de muitos Santos Padres, da Glossa interlinear, da Glossa ordinária e da edição Complutense ... e de S. Tomás que corrigiu em diversas passagens²⁶.

b) *As Notationes in totam Scripturam Sacram* são a sua obra-prima no campo da exegese. Como o título no-lo indica, é um comentário, segundo o sentido literal, muito claro e breve feito a todos os livros da Sagrada Escritura, incluindo os livros 3 e 4 de Esdras. Um tal trabalho era novidade para essa época, como ele próprio o refere²⁷, uma vez que o costume era escreverem-se monografias, ou seja, comentários a livros singulares, mas não a todos os livros como ele o fizera.

Sob o ponto de vista crítico, este comentário faz recurso ao texto hebreu, Caldeu e Grego dos Setenta para o Antigo Testamento e do Siríaco e Grego para o Novo Testamento, empregando para ambos os Testamentos a edição Complutense em grande escala, por exemplo: II Paralipomenon (Cróni.), cp. XIII, versos 3 e 17; cp. XXII, 10; XXV, 5; XXXI, 13; XXXII, 29; Mateus, X, 7; Lucas IX, 50; Apoc. IV, 1; VI, 6; XV, 6.

Sob o ponto de vista prático, possui três belos índices em ordem alfabética sendo o primeiro de frases tiradas da Escritura, o segundo um extenso índice de toda a Escritura com o qual facilmente se encontra aquilo que se deseja²⁸ e o terceiro é constituído por sen-

²⁶ «Visi sumas catena aurea D. Thomae, non solum impressa sed etiam manuscripta, codice scilicet vetustissimo ex Bibliotheca Marcelli Secundi Summi Pontificis... saepe sum coactus ipsos autores consulere, quod mihi multa suspecta essent; nempe deprehendebam aut esse depravata, aut eis authoribus tribui, quorum non essent: itaque ne miretur Lector si viderit haec nostra non per omnia cum D. Thomae citationibus consentire, qui volet periculum facere, auctores ipsos legat, deprehendetque quam multa restituerimus» (cf. M. SÁ, *Scholia in Quatuor Evangelia...* Antuerpia em 1596, em *Notationes ad Scholiorum intelligentiam*, N.º 10).

²⁷ «Brevissime Scripturam totam sic explicant (haec notationes) secundum sensum litteralem, ut a nemine (quod sciam) adhuc praestitum: ingentia enim quisque in Scripturae singulos libros volumina edit, nos aliam longe ratione (ut vides) secuti» (cf. *Notationes...* «Notationum harum commoda» N.º 1).

²⁸ Este índice de M. de Sá foi utilizado por Jacob Gordon (1549-1614) em *Biblia Sacra cum commentariis ad sensum litterae et explicatione temporum, locorum Rerumque Omnium quae in sacris codicibus havent obscuritatem*, 3 in f.º, Paris, 1632, no fim do seu III vol. cf. também C. SOMMERVOGEL, *Dict. de la Bible de Vigouroux*, Tom. III, col. 277.

tenças escolhidas da Sagrada Escritura e que pode servir de concordância e de apoio a sermões, inscrições e meditações.

A edição a que tivemos acesso, aquela de Lyon de 1601, traz a aprovação de *Bernardinus Rosignolius* datada de Génova a 7 de Outubro de 1593, três anos antes da morte do autor, mas a sua publicação só será feita em 1598 na tipografia de Moreto, em Antuérpia. Diferentemente dos *Escólios*, as *Notationes* trazem já a divisão em capítulos e versículos, correspondentes à numeração de hoje, sinal de que foram elaborados depois daqueles.

Como ele nos diz, esta obra foi escrita para proveito da Igreja e para servir de consulta útil a muitos²⁹ e, embora não tivéssemos encontrado uma ordem expressa dada pelos superiores, é de supor que, à imagem dos *Escólios*, uma ordem idêntica lhe tivesse sido dirigida. Em abono desta hipótese está uma pequena frase que ele próprio deixou ao fundo da primeira página desta obra e que reza assim: «Qui me putabit pauca notando dicere, cogitet, rogo, instituti mei rationem qui non commentaria prolixa, sed notationes, easque breves promiserim»³⁰.

A verdadeira finalidade deduz-se da vontade dos superiores que parece descobrir-se nas palavras do próprio autor:

«Quis enim est, qui apud se Biblia Sacra non habet, quae statim possit consulere, vel potius cum ea leget, has Notationes adhibere?»³¹

De facto, se é verdade que antes de Sá muitos já tinham comentado singularmente os livros da Bíblia, nenhum como ele o fizera a todos os livros num único volume e de maneira tão sintética que podia servir de «Vade Mecum» Bíblico ou de livro manual. Esta obra seria, no campo da Bíblia, o que os *Aforismos* estavam a ser no campo da teologia moral e legal. Entre os dois ficavam os *Escólios* que sintetizavam a doutrina da Tradição, com os dizeres dos Santos Padres dos Santos Doutores e com as recolhas anteriores conhecidas sob o nome de *Glossas e Cadeias*.

²⁹ «... ut tuae, cuius causae est elaboratum, Ecclesiae prosit... id scio, voluisse me plurimorum utilitati consulere...» Cf. *Notationes*, Lyon 1601, em «Oratio Auctoris ad Christum» e na «Auctor Lectori».

³⁰ M. DE SÁ, *Notationes...*, Lyon 1601, em «Genesis, id est Generatio Q. D. Liber de Mundi Creatione», p. 1 (A).

³¹ *Ibidem*, em «Notationes harum commoda», 3.

3. O seu valor

Deixando de lado o que se refere aos *Aforismos*, não porque careçam de valor mas porque pertencem mais à Teologia moral do que à Escritura, vamos debruçar-nos sobre as duas obras exegéticas.

a. Os Escólios

Não querendo entrar em especulação sobre as razões que levaram os editores a não publicarem esta obra senão em 1596, quando ela estava pronta e aprovada pelos superiores da Companhia de Jesus já em 1574, vamos agora descrever o seu valor, a partir das suas edições, da sua utilidade.

As edições que conhecemos cobrem a Europa Central: uma em Antuérpia, editada por João e Viúva Moreto, em 1596, uma em Veneza, editada por João Baptista Cioto em 1602; duas em Colónia, editadas em 1602 e 1620 sob o nome de Agripina e três em Lyon, editadas por Horácio Cardon em 1602 e 1620.

A utilidade desta obra foi enorme, tanto nas Escolas Teológicas, quanto nos gabinetes individuais de trabalho de alunos, professores e pregadores. Isto melhor se compreenderá se recordarmos que, nesse tempo não havia outras obras bíblicas, tipo manual, senão as Glossas interlineares e ordinária e a Cadeia Dourada de S. Tomás de Aquino. Mas tanto aquelas como esta eram de difícil acesso pela sua extensão. De facto, se nos referimos à Cadeia de S. Tomás, que foi editada em Paris em 1869, uma edição bilingue, teremos de percorrer 8 grossos volumes. Mais prática seria a de 1894 editada em dois volumes por Pedro Marietti, *Augustae Taurinorum, typographia Pontificia*, mas, mesmo assim estamos diante de obras que se tornaram quase impraticáveis para a maioria dos estudantes e pregadores, sobretudo para os sacerdotes curas de almas. Impunha-se a necessidade de uma outra obra que fosse mais prática e que, sem mutilar os escritos dos Santos Padres, desse a conhecer destes a sã doutrina sobre cada versículo mais obscuro da Sagrada Escritura. Foi desta obra que foi incumbido Manuel de Sá.

Este autor, em relação a S. Tomás, foi mais crítico, mais sintético e mais metódico. Mais crítico porque restituiu aos seus autores certas passagens que S. Tomás atribuíra a outros e distinguiu diligentemente entre o sentido literal e o sentido místico; mais sinté-

tico porque resumiu a doutrina patrística num só volume de proporções convenientes; mais metódico porque foi ao ponto de procurar nos doutores não só a explicação de frases ou versículos mas também a explicação de palavras, num número considerável e numa profundidade admirável e, tudo isto, de uma maneira tão concisa que só é possível a um espírito modelado pelo reduccionismo matemático.

Manuel de Sá foi mais do que todos, original, porque além de uma cadeia de explicações exegéticas dos Santos Padres, Doutores e Glossas já existentes, sintetizou, em pouco, o muito que outros tinham dito, acrescentando-lhes a sua própria explicação que ele considerava modesta contribuição, mas que, na verdade, foi um contributo muito valioso para a exegese.

b. As Notações

O valor das *Notationes* é incalculável. O que elas foram para diversas gerações de estudiosos não poderá ser, hoje, avaliado cabalmente, mas nem por isso deixaremos de apreciar certas facetas como as que se seguem. Elas foram:

1.^a — Uma resposta concreta às exigências do tempo

Manuel de Sá entrara para a Companhia de Jesus no mesmo ano em que abria o Concílio Tridentino, em 1545. Neste Concílio, além de muitos outros assuntos, tratou-se da Sagrada Escritura, tanto em relação ao número de livros recebidos como canónicos e inspirados³² como sobre o modo de os interpretar³³.

A Sociedade de Jesus, entre outras tarefas, empreendeu aquela de expor, por todos os processos aptos, a doutrina católica contra as pretensões dos Protestantes. Assim, entre os anos 1563-1566, os estudos bíblicos sentiram uma renovação sensacional, contando-se 80 autores jesuítas entre os bons intérpretes da Bíblia.

Os Jesuítas utilizavam dois métodos: o processo da *exposição pública* nas Igrejas, que viria a tomar o nome de *Lições de Sagrada Escritura* que seguiam três etapas distintas: escolha do livro bíblico

³² *Decretum primum, publicatum in quarta sessione*, 8 Aprilis 1546; cf. CT. 5, 91; Mansi 33, 22; E. B. 57.

³³ *Decretum secundum subiectum in eadem quarta sessione*; cf. C. T. 5, 91 s; Mansi 33, 22 s, E. B. 61-64; Denz. Sch. edit. XXIV, N.º 785-786 (1506-1508).

e a sua leitura; explicação deste livro, desde o início até ao fim; (o livro deveria ser lido pelos ouvintes para melhor seguirem a explicação). Cada lição era dividida em duas partes: exposição exegética, seguida das conclusões doutrinárias ou de uma apologia; aplicações morais relacionadas com a passagem bíblica explicada.

A grande novidade destas lições não estava nos seus trâmites, pois já nos sécs. XIII e XIV tinham sido utilizadas, mas sim no seu auditório. Enquanto nos séculos passados elas estavam reservadas aos estudantes ou religiosos, agora passaram a ser abertas aos simples fiéis e tomavam lugar em todos os sítios onde os Jesuítas se fixavam. A estes processos pertenciam aquelas célebres lições que Manuel de Sá dera, tanto em Roma, como em Milão e aquelas de Alfonso Salmeron, coligadas em 8 volumes, sobre o Novo Testamento.

O segundo processo utilizado pelos Jesuítas, foi aquele que é conhecido sob o nome de *comentários à Sagrada Escritura*. Nesta classe estão os comentários de *Juan Maldonado* (1534-1583) aos 4 Evangelhos, os de *Francisco Ribera* († 1591) aos profetas menores, à Epístola aos Hebreus, ao Apocalipse e ao Evangelho de João, os de *Jerónimo Prado* († 1595) ao livro de Ezequiel, e os de *Manuel de Sá* (1530-1596) a todos os livros da Sagrada Escritura.

Foi sob este duplo aspecto que Manuel de Sá contribuiu para a contra-reforma dos sécs. XVI a XVIII e bem assim para a formação de muitas gerações. O seu ensino, de modo magistral ou de modo escrito representa uma síntese da doutrina católica do tempo e serviu para moldar o sentir católico da Europa, Ásia, África e Américas, através dos missionários que, ou foram seus alunos, ou destes beberam os seus ensinamentos.

2.ª — Um estudo sério e crítico

a) Utiliza, em grande escala, a *crítica textual*. Tomamos para exemplo os capítulos IV-VI do Apocalipse de S. João:

- . IV, 1 — *Cito non est graece nec in Complutensi* (p. 528).
- . 3 — *Sardinis, graec. et Complut. Sardii* (p. 528)³⁴ (σαρδίω).
- . 9 — *Benedictionem, graec. gratiarum actionem* (p. 528) (εὐχαριστίαν)

³⁴ MANUEL DE SÁ acrescenta: «Notant quidam Iaspide significari Dei Pulchritudinem; Sardinio, (qui colore est igneo) iustitiam; Iride (quae pacis signum) misericordiam» (cf. *Notationes*, p. 528).

- . V, 12 — *Divinitatem, graec. divitias* (p. 528) (πλοῦτον)
- . VI, 6 — *Dicentium. Lege, dicentem, ut est in Complut.* (p. 529)
- . VI, 2 — *Vincens ut vinceret, pro, ut vincens vinceret. Graec. vincens et ut vinceret, q.d. Victor et Victurus* (p. 529)
- . VI, 17 — *Ipsorum graec. eius* (p. 529)
- . VII, 2 — *Signum, scilicet, cruce qua erat signaturus, seu sigillum in quo esset crux, nam graec. sphragida* (cf. Zerwick, 577, *sphragida de sphragis, idis = sigillum*)
- . VII, 13 — *Respondet, id est locutus est. Hebraismus* (p. 529).

b) Utiliza o esclarecimento da História e da Geografia:

— Sempre houve dificuldades em identificar o personagem *Antipas* de que nos fala o Apocalipse, cp. II, 13³⁵. Ora Manuel de Sá diz-nos que ele fora um bispo em Pérgamo, conforme a opinião sentida, «dicitur hic fuisse Pergami Episcopus» e reenvia-nos para *Metaphrastes* que escrevera a sua vida: «vide eius vitam apud Metaphrastes»³⁶.

— Sobre o facto de os Evangelistas apresentarem dois Sumos Sacerdotes, no tempo da Paixão de Cristo, Manuel de Sá dá a seguinte explicação: «*Principibus: summos fuisse indicat; forte per vices ministrabant, vel Anna deposito pontificatu, nomen tamen retinebat. Iam Pontificatus coeperat esse venalis aut principum favore acquiri: quo minus mirum tam turpiter graviterque errasse de Christo*»³⁷.

c) Refere frequentemente o *testemunho de historiadores*: por exemplo de Filão, Flávio Josefo, S. Justino e S.^{to} Agostinho³⁸. Dionísio (in *Apollophanem*)³⁹, Suetónio (in *Caligula*)⁴⁰, Plínio⁴¹, S. Ireneu⁴², S. Inácio (*Epis. ad Clementem*)⁴³, etc.

³⁵ Enquanto Charles R. H., em *Revelation*, vol. 2, Edinburg, 1920 (In loco proprio i.e. ch. 2,13), diz não conhecer de quem se trata, J. Ellul, Corsini, Gutzwelles nada dizem a propósito.

³⁶ *Notationes*, p. 527.

³⁷ *Ibidem*, p. 429.

³⁸ *Ibidem*, p. 14, 409, 428.

³⁹ *Ibidem*, p. 418.

⁴⁰ *Ibidem*, p. 431.

⁴¹ *Ibidem*, p. 533.

⁴² *Ibidem*, p. 409.

⁴³ *Ibidem*, p. 425.

d) Recorre à *história e à geografia* para explicar nomes de localidades, como por exemplo, o de Bethphagé⁴⁴, de personalidades como, por exemplo, o de Abiathar⁴⁵, de grupos, como o dos Herodianos⁴⁶, dos Saduceus⁴⁷ e dos sacerdotes⁴⁸.

e) *Confronta o texto Latino da Vulgata* com os textos originais e com outras versões antigas, sem esquecer as grandes obras, tais como, as Glossas, a Catena Aurea, a Complutensis, sendo as Glossas e a Catena Aurea utilizadas sobretudo nos Escólios, enquanto a Complutensis é frequentemente chamada a testemunhar nas *Notationes*⁴⁹.

f) Faz uso, em grande escala, da *análise filológica*, e a explicação que ele dá em pouco ou nada difere daquela que, nos nossos tempos, deu o grande mestre P. Zerwick, na sua obra *Analysis Philologica Novi Testamenti graeci*. De uma sinopse por nós realizada ao Evangelho de Lucas, verificámos que em todas as palavras analisadas por Manuel de Sá, Zerwick está de acordo, em quase todas, utilizando, frequentemente a mesma ou semelhante terminologia explicativa.

g) Cita frequentemente *lugares paralelos* que tenham a ver com a passagem que está a ser explicada, como, por exemplo, a propósito do vocábulo *Virgo*, onde é referenciada a profecia de Isaías, cp. 7 e ainda do vocábulo *donec* para o qual se apela ao cp. 8 do Génesis, *quod vides* em *Notationes*, pág. 398.

3.ª — Uma autoridade no campo dos Estudos Bíblicos

A sua autoridade não foi reconhecida apenas a nível de professor e de professor, nem tão-pouco a nível de comentarista escritor mas a nível de comentarista, proposto como exemplar a ser seguido.

a) Faz parte dos comentaristas da grande colecção, composta de 28 volumes, conhecida sob o nome de *Biblia Sacra, Vulgatae*

⁴⁴ *Ibidem* p. 412.

⁴⁵ *Ibidem* p. 420.

⁴⁶ *Ibidem* pp. 413 420.

⁴⁷ *Ibidem* p. 399.

⁴⁸ *Ibidem* p. 426.

⁴⁹ *Ibidem*, pp. 71, 73, 75, 113, 115, 116, 117, 118, 127, 137, 138, 141, 142, 145, 147, etc.

editionis Sixti V Pontificis Maximi iussu recognita et Clementis VIII, auctoritate edita, cum selectissimis litteralibus commentariis, Joannis Marianae, Petri Lansoelii, Thomas Malvendae, Stephani Menochii, Jacobi Tirini, Jacobi Gordoni, Jacobi Benigni Bossuet, editados em Veneza, entre 1745 e 1757.

No primeiro tomo, após dois prefácios e outras advertências, temos as introduções que Manuel de Sá fez às suas próprias *Notationes*.

— *Emmanuelis Sá:*

- . in *Notationes suas in Scripturam Sacram oratio ad Christum* (XXXIV)
- . In eisdem *Notationes suas ad Lectorem praefatio* (XXXIV)
- . *Notationum earundem commoda* (XXXIV)
- . *Responsio ad objectiones* (XXXIV)⁵⁰.

Introdução semelhante faz a cada um dos autores cujo comentário será introduzido no volume, tais como aqueles acima referidos.

O processo do comentário é o seguinte:

- . pequena introdução ao capítulo,
- . texto sacro em latim,
- . correcções de Roma, feitas por Francisco Lucas de Bruges († 1619) que recolheu muitas variantes dos antigos manuscritos da Vulgata e preparou a edição da Vulgata de Louvaina de 1573, que viria a servir de base à edição Sixtina. [Dele ficaram *Notationes in Sacra Biblia* (Antuérpia 1580) onde estuda as lições variantes; *Notarum ad varias lectiones in 4 Evangeliiis occurrentes* (Antuérpia 1606); *Romanae correctiones ... loca insigniora* (Antuérpia 1603) e ainda um comentário aos 4 Evangelhos (Antuérpia 1606-1616)],
- . comentários seguidos de, pelo menos 5 ou 6 autores. Por exemplo no Evangelho de S. João os autores que comentam o capítulo X e os restantes seguem esta ordem:
 - . Bruges (col. 456), com as correcções romanas,
 - . Manuel de Sá (col. 456-457),

^{50 51} Cf. pp. e col. correspondentes tanto em *Biblia Sacra Vulgatae editionis Sixti V, Pontificis Maximi iussu recognita et Clementis VIII auctoritate edita, cum selectissimis litteralibus commentariis Joannis Gagnaci, Joannes Maldonatus, Emmanuelis Sá, etc., Tomus XXIV*, e MANUEL DE SÁ, *Notationes in totam Scripturam Sacram*, em *Notationum harum commoda*, n.º 2. Sobre Franc. Foreiro, cf. JOSÉ NUNES CARREIRA, *Filologia e crítica de Isaías no Comentário de Franc. Foreiro* (1522-1581), Braga, 1969.

- . Estius (col. 457-461),
- . Mariana (col. 461),
- . Menochius (col. 461-464),
- . Tirini (col. 464-466),
- . Gordon (col. 466-468)⁵¹.

b) Faz parte ainda da grande Colecção MIGNE, também composta de 28 grossos tomos, editados em Paris por Jacques Paul Migne entre 1837 e 1840 mais ou menos, sob o título *Scripturae Sacrae Cursus Completus, ex. commentariis omnium perfectissimis ubique habitis, et a magna parte episcoporum necnum theologorum Europae Catholicae universim ad hoc interrogatorum, designatis, unice conflatus, pluribus annotationibus praesbiteris ad docendos levitas pascendosve populos alte positus*.

O contributo de Manuel de Sá para esta obra, encontra-se disperso no volume 8 (dedicado ao Profeta Isaías cujo primeiro autor é Francisco Foreiro⁵², sendo chamados a confirmar a sua opinião, entre outros, Manuel de Sá, colunas 900 e 901, verso 2 sobre os Serafins e na coluna 944, no cp. VIII, versos 5 e 6 sobre a derrota de Israel por Judá, como ele o entendia) e no volume 23 (dedicado aos Actos dos Apóstolos e entregue o seu comentário a Francisco Haraeus, que utiliza a opinião de vários autores, entre os quais figura Manuel de Sá, pelo menos 4 vezes: cp. III, c.3.12; cp. V, 26-30; cp. X, 28-32; cp. XI, 1-10).

O seu contributo principal têm-lo no volume 17, onde participam grandes nomes como S. Jerónimo, Cornelius a Lapide, Rosenmuller, Calmet, Duguet, Berthier, a Bíblia de Veneza, a Bíblia Vatábliá, Kinchi, Grotius, Estius, Lyranus, Tinrinus, Maldonatos, Munsterus, Emanuel (de) Sá, etc., editado em Paris em 1839, sendo dedicado aos livros *Eclesiastes, Cânticos, Sapiência e Eclesiástico*.

O comentário ao *Eclesiastes*, que ocupa as colunas 9-154 pertence a De Lyra; o comentário ao Livro dos *Cânticos* pertence a

⁵² Neste volume com o título «Dissertations sur les Prophètes, l'incredibili convaincue par les propheties. De l'usage et des fins de la Prophétie in Isaïam... Commentarium Parisiis, apud editorem in via Gallici dicta, Rue D'Ambroise, Barrière d'Enfer 1840; temos como primeiro autor Francisco Foreiro (Forerius) da ordem dos pregadores, nascido em Lisboa em 1523 e morto em Almada em 10 de Janeiro de 1587. De DIOGO BARBORA MACHADO *A Bibliotheca Lusitana*, vol. II, p. 150, diz ter ele morrido a 10 de Fevereiro de 1851 com 58 anos de idade. É menos provável esta data. Escreveu o *Comentário a Isaías*, editado em Veneza em 1563, sendo inscrito no T.V. dos Critici Sacri, vol. 1119 e participou na confecção do Catecismo Tridentino, tornando-se muito conhecido sobretudo em França (cf. MIGNE *Sacrae Scripturae Cursus completus*, Tom. 18, Paris, 1840, col. 777-780).

Bossuet e a Cornelius a Lapide, ocupando as colunas 155-332; o comentário ao Livro da Sabedoria pertence a Jansenius, ocupando as colunas 533-588 e o comentário ao Livro do Eclesiástico pertence a Manuel de Sá, que ocupa as colunas 678-972, sendo as colunas 599-602 dedicadas à sua vida.

Conclusão

Concluindo: temos em Manuel de Sá um dos primeiros mestres, teólogo e exegeta, dos Jesuítas, se notarmos que a 1.ª aprovação dos Estatutos da Sociedade de S.º Inácio foi dada por Paulo III a 27 de Novembro de 1540 pela Constituição XXXI (*Bullarium Romanum*, Tomus IV, Paris, I, fl. 185-187) sob o título «*Approbatio Instituti et Religionis Clericorum Regularium Societatis Jesu*»⁵³ e que Sá entrou para esta companhia em 1545, tendo exercido o cargo de Mestre em Filosofia no Colégio de Gandia em 1547, em substituição de Francisco Onfroy, lugar que viria a ocupar, de direito, em 1549, quando esse colégio foi elevado à categoria de Universidade.

Mestre reconhecido, participa na coordenação dos estudos do Colégio de Coimbra, fundado por Simão Rodrigues e 12 companheiros logo, em 1542, parecendo ser este o primeiro colégio Jesuíta, seguindo-se o de Alcalá de Heñares em 1543, o de Valença e de Colónia em 1544 e o de Barcelona em 1545⁵⁴.

Os estatutos do Colégio de Coimbra viriam a servir de base à primeira *Ratio Studiorum* que daria lugar à definitiva, publicada em 1599, na qual também se encontra o contributo de Manuel de Sá. Esta *Ratio Studiorum* precedida pelas edições revistas e corrigidas da Versão dos LXX e da Vulgata foram três degraus importantíssimos no desenvolvimento dos estudos teológicos e principalmente bíblicos.

Se não houvesse outras razões, só por estes factos, Manuel de Sá poderia ser considerado como um dos pioneiros do método histórico-crítico. Mas outros factos existem como as duas obras exegéticas que nos deixou. Embora não tenham aquilo que conhecemos hoje

⁵³ A 2.ª aprovação «*Approbatio secunda instituti Religionis Clericorum Regularium Societatis Iesu, melius explicata*», foi dada pelo mesmo papa, no dia 21 de Julho de 1550 pela Constituição LXI, cf. *Bullarium Romanum*, Tom. IV, Pars I, fl. 272-275. As regalias e privilégios seriam ampliados por Júlio III por Constituição de 22 de Outubro de 1552, cf. *Bull. Rom. Tom. IV, Pars I*, fl. 299-300. A terceira aprovação seria dada pela Constituição CLXIII de 25 de Maio de 1584 por Inocência X, cf. *Bull. Rom. Tom. IV, Pars IV*, fl. 55-60.

⁵⁴ Cf. DANIEL ROPS, *La Réforme Catholique*, 7.ª édition, Paris, 1955, p. 735.

sob o título de *história das formas* têm, no entanto, muito daquilo que faz parte dos métodos histórico-críticos, como, por exemplo, a crítica textual, a filologia e o recurso à geografia e à história, embora em menor escala, como é compreensível para o tempo em que essas disciplinas não passavam de acessórias. Por outro lado, para não sermos injustos para com a própria história, deveremos aceitar que os métodos hoje utilizados são o fruto de uma cadeia ininterrupta de trabalhos críticos que tiveram os seus inícios já na era pré-cristã com a formação do primeiro Cânon Bíblico dividido nas três classes post-exílicas: *Tôrah*, *N^obi'im* e *K^etúbim*.

Se Manuel de Sá ainda não pôde chegar à diferenciação de famílias aplicadas ao texto sacro, ele pôde confrontar o texto da Vulgata com o texto dos LXX, com o original Hebraico e com o Caldaico na interpretação do Antigo Testamento, e o mesmo texto Jeronimiano com o texto grego e Siríaco para o Novo Testamento, utilizando a Complutensis como recensão de apoio⁵⁵.

A ciência não se faz aos saltos, mas a passo e passo e Manuel de Sá deu um grande passo na sua conquista. Pena é que até à data, em Portugal, pouco se conheça da sua pessoa e da sua obra e pena maior que aqui não haja, nos nossos dias, uma plêiade de bibliatos que lhe sigam o exemplo, deixando à posteridade o melhor do seu espírito, moldado por um labor verdadeiramente científico, o que, dificilmente será realizável sem o empenhamento das instâncias superiores

JOSÉ COELHO MATIAS

⁵⁵ J. A. Bengel que tem sido considerado como o 1.º a utilizar a crítica textual como ela é aplicada hoje, por em 1734 ter seguido o texto receptus, e lhe introduzir um *apparatus criticus* para as diferenciações entre as traduções de origem africana ou alexandrina e as de origem asiática ou constantinopolitana. Duas famílias, portanto (cf. BENDEL. *Apparatus criticus ad N^oT.*, II, Tübinga 1763²) que seriam aperfeiçoadas por J. M. A. Scholz (1754-1852) e por Const. von Tischendorf (1815-1874). Daqui viriam outras distinções, como aquela de três famílias, a alexandrina ou Origeniana, a ocidental e a Constantinopolitana ou Bizantina de J. J. Griesbach (cf. GRIESBACH, *Commentarius Criticus in Textum N.T.*, Jena 1811), aquela de quatro famílias, a alexandrina, a Siríaca, a ocidental e a neutral de B. F. Westcott-F. J. A. Hort, 1881 e ainda a de Von Soden, apenas de três, a Koiné (K), a Hesequiana (H) e a Jerosolimitana (I), seguida por MERK, em *Novum Testamentum graece et latine* Roma, 1933 ss. Hoje, porém, segue-se comumente a teoria das quatro famílias: a Ocidental (= D), a Neutral (= B), a Cesareana (C) e a Antioquena (= A). Para melhor informação cf. TUYA e SALGUERO, *Introducción a la Biblia*, BAC, Madrid, 1967, I, p. 449; HEINRICH ZIMMERMANN, *Los métodos Histórico-críticos en el Nuevo Testamento*, trad. por Gumersindo Bravo, S. I., BAC, Madrid, 1969, p. 24 ss.